

INFLUÊNCIA DE MARX NAS MÚSICAS DE JOHN LENNON

Roseli Coutinho dos Santos Nunes¹

Valério José Arantes²

RESUMO

Apresenta a influência do filósofo Karl Marx nas músicas abertamente políticas *Revolution* (1968), *Working Class Hero* (1970) e *Power to the People* (1971), cuja principal força criativa na composição e gravação foi John Lennon, o beatle mais envolvido com a teoria marxista. Apresenta a influência do modo de pensar marxista nos muitos trabalhos dos Beatles: mudar o modo que as pessoas pensam acerca do mundo para criar um mundo melhor e mais justo e, nas últimas obras, atrair a atenção para a desigualdade entre as classes sociais.

Palavras-chave: Marx; Os Beatles; John Lennon; Música, Política.

INFLUENCE OF MARX IN SONGS OF JOHN LENNON

ABSTRACT

This article presents the influence of the philosopher Karl Marx in overtly political songs *Revolution* (1968), *Working Class Hero* (1970) and *Power to the People* (1971), whose primary creative force in songwriting and recording was John Lennon, the Beatle more involved with the theory Marxist. Displays the influence of Marxist thinking in many works of the Beatles: change the way people think about the world to create a better and fairer world and, in recent works, draws attention to the inequality between social classes.

Keywords: Marx; The Beatles; John Lennon; Music; Politics.

INTRODUÇÃO

A música faz parte da cultura de cada povo. Quando se tem contato com a música de um determinado povo passa-se a conhecer muito sobre sua história, suas crenças, costumes, festividades, vestimentas, valores e o modo das pessoas se relacionarem, além de marcar épocas. A influência da música é tão grande que ela atua constantemente no ser humano, acelerando ou retardando, regulando ou desregulando as batidas do coração, relaxando ou irritando os nervos, influenciando na pressão sanguínea e no ritmo da respiração.

No decorrer da história da humanidade muitos movimentos buscaram maior liberdade de expressão e melhor qualidade de vida na sociedade. Por isso, a música pode ser considerada uma das artes que mais influenciam a sociedade. Exemplos disso, aqui no Brasil, não faltam: (1) a música de resistência à Ditadura Militar *Pra não dizer que não falei das flores*, de Geraldo Vandré; (2) a música *Coração de estudante*, de Milton Nascimento, tema do movimento pelas Diretas Já.

No tocante a esse assunto, a influência do grupo britânico The Beatles é incalculável. Formada em Liverpool, no final dos anos 50, é o grupo mais comercialmente bem-sucedido e aclamado da história da música popular. A partir de 1962, o grupo era

formado por John Lennon (guitarra rítmica e vocal), Paul McCartney (baixo e vocal), George Harrison (guitarra solo e vocal) e Ringo Starr (bateria e vocal). Dois integrantes da banda ainda estão vivos e ativos no meio musical: Ringo Starr e Paul McCartney que fornecem muito material para a mídia e continuam gravando composições próprias.

Os Beatles são bom exemplo da capacidade do rock de se adaptar a cada época. Para entender as mudanças ocorridas nos anos 60 basta olhar as fotos do grupo durante o período. Nos primeiros anos, vestidos com terninhos idênticos e cabelos bem penteados, os quatro eram a imagem perfeita do otimismo da era Kennedy. Depois abandonaram a inocência. Os cabelos cresceram e os sorrisos deram lugar ao cinismo, enquanto Kennedy era morto e a guerra começava no Vietnã. No fim da década, quando jovens faziam passeatas na Europa, Martin Luther King era assassinado e o conflito do Vietnã piorava, Os Beatles buscaram consolo espiritual na Índia. A banda acabou em 10 de abril de 1970, junto com uma década que começara cheia de promessas e que terminava em guerra e decepção.

Poucos fenômenos culturais tiveram o alcance dos Beatles. A Universidade Liverpool Hope, na Inglaterra, criou um curso de mestrado sobre a banda. Desde 2010, turmas de estudantes estudam durante um ano a música dos Beatles e seu impacto no comportamento³.

Os Beatles continuam vivos e ativos no imaginário das pessoas – que viveram ou não a década de 1960 – e suas músicas contêm uma atualidade sobre o mundo em que vivemos, de forma que são continuamente regravadas e ganham versões em várias línguas pelos quatro cantos do mundo até hoje.

Karl Marx é o único filósofo ocidental que foi incluído na capa de um dos melhores álbuns dos Beatles (BUAER, 2007, p.97). Marx aparece na capa de *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*⁴ e sugere a afinidade do grupo com as teorias marxistas. Muito dos trabalhos dos Beatles demonstra a influência do modo de pensar marxista: mudar o modo que as pessoas pensam acerca do mundo para criar um mundo melhor e mais justo e, nas últimas obras, atraiu a atenção para a desigualdade entre as classes sociais.

As classes sociais, de acordo com a teoria marxista, são definidas pelos modos como os quais os indivíduos se relacionam com os meios de produção da sociedade. Marx enfatizava o antagonismo entre as classes, que caracterizava como o próprio motor a operar o progresso da civilização humana (BAUER, 2007, p.99).

Nascidos no patamar inferior da sociedade altamente industrializada e baseada no rígido sistema de classes, os Beatles ocupam a mesma categoria social que os proletariados, a quem Marx tentou esclarecer, unir e dar poder. Segundo Marx “a história de toda a sociedade existente até hoje é a história da luta de classes” (MARX, 1848, p.473).

Os quatro músicos eram trabalhadores na divisão trabalho-capital. Nenhum deles poderia aspirar a muito mais que uma existência típica da classe trabalhadora, na qual a maioria de seus antepassados viveu dominados pela labuta entediante em uma fábrica, sem nenhuma participação real nos lucros resultantes de seu esforço.

O maior sucesso dos Beatles de 1964 – *A hard day's night* – relata um romance jovem, mas também representa o primeiro exemplo no qual o mundo do trabalho aparece nas letras dos Beatles. O fato de uma canção popular em 1964 reconhecer o trabalho era incomum. A letra descreve as condições opressivas e inumanas que a classe trabalhadora enfrentava no ambiente de trabalho, em que as pessoas são forçadas a labutar como cães. Mas a canção dificilmente poderia ser considerada uma crítica marxista ao capitalismo industrial, isso porque não conclama os cães trabalhadores a se unir e derrubar o sistema capitalista, mas apresenta um protagonista que suporta a opressão e ainda consegue se

convencer de que se “sente bem”. A dificuldade de reconhecer a própria condição de subjugação e o ato de aceitar voluntariamente a injustiça é o que Marx denominava falsa consciência.

Os Beatles trabalharam muito durante o ano de 1964, produzindo dois álbuns, lançando três singles, fazendo um filme e se apresentado em exaustivas turnês⁵. Além de participações em programas de rádio, sessões de fotos e entrevistas. A exigência para que eles produzissem cada vez mais os alienou do próprio trabalho e os forçou a gravar um disco que trazia menos da marca da banda do que qualquer outro lançado anteriormente⁶.

A indústria da música, como qualquer outra grande indústria, foi caracterizada pela exploração trabalho-capital que Marx expôs e criticou. Os Beatles começaram como dependentes do trabalho barato sujeitos às exigências dos capitalistas que possuíam os meios de produção, como gravadoras, casas de show e estações de rádio.

O presente artigo pretende analisar a influência do filósofo Karl Marx nas músicas abertamente políticas: *Revolution* (as três versões, 1968), *Working Class Hero* (1970) e *Power to the People* (1971), cuja principal força criativa na composição e na gravação foi John Lennon, o beatle mais envolvido com a teoria marxista.

OS BEATLES E JOHN LENNON

Na Inglaterra de 1960, como havia sido na América da década de 1950, milhares de jovens estavam à procura do novo, do inusitado, de outro estilo de vida que lhes assegurasse uma nova identidade de geração. O sentido de um objetivo comum que ligara alguns rapazes de Liverpool, sendo a maioria oriunda da classe operária e muitos deles nascidos durante o horror e a vergonha dos bombardeios nazistas ocorridos com a eclosão da Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945), era um só: desafiar o sistema e transgredir a moda, o padrão de comportamento e a moral instituída pela classe dominante, branca, como parte da estrutura social vigente naquela época.

É nesse contexto que os quatro integrantes, John Lennon (1940-1980), Paul McCartney (1942), George Harrison (1943-2001) e Ringo Starr (1940), encontraram-se e formaram a banda inglesa The Beatles. Durante as tentativas de sucesso iniciais eles fizeram suas principais apresentações pela Inglaterra e Alemanha. Essa fase inicial envolveu várias mudanças do nome do grupo e de seus componentes.

De acordo com o site *Guinness World Records*⁷ os Beatles venderam 400 milhões de elepês e compactos durante a carreira ativa (período de oito anos), o que faz deles a mais bem-sucedida banda de todos os tempos. Michael Jackson, cuja carreira solo durou 28 anos, vendeu 350 milhões de discos. Em terceiro lugar está Elvis Presley com 300 milhões de discos vendidos durante os 21 anos de carreira ativa.

Em 10 de abril de 1970, Paul McCartney declarou publicamente que estava separando-se dos Beatles, o que deixou John Lennon furioso – já que seis meses antes o próprio Paul o tinha convencido a não deixar a banda. No dia 8 de maio, o disco *Let it Be* foi lançado e chegou a primeiro lugar nas paradas inglesas e americanas. No dia 20, o filme homônimo estreou em Londres e nenhum dos Beatles compareceu.

Durante a década de 1970 todos os ex-integrantes dos Beatles continuaram em carreiras solo. Eles nunca mais se reuniram publicamente para tocar. Em 8 de dezembro de 1980, John Lennon foi assassinado em Nova York por um fã alucinado. George Harrison faleceu de câncer em 2001, depois de ter sido esfaqueado por um fã um ano antes. Ringo Starr, atualmente com 73 anos, e Paul McCartney, aos 72 anos, ainda gravam discos com músicas inéditas e realizam turnês.

Os Beatles expressaram e refletiram o espírito do seu tempo, época em que os jovens estavam sedentos por novidades, pois aquela revolução sonora inicial desencadeada por Elvis Presley, Chuck Berry, Little Richard, e outros, em meados de 1950, nos Estados Unidos da América, já não encantava como antes.

Quando, em abril de 1970, o mundo se deu conta de que os Beatles não mais existiam, e definitivamente, quando em dezembro de 1980 John Lennon foi assassinado, e o mundo se deu conta de que os Beatles nunca mais existiriam, aqueles quatro filhos da classe trabalhadora inglesa deixaram o terreno da indústria do entretenimento para fazer parte da história. (GENESIS PUBLICATIONS, 2001)

Durante os primeiros anos dos Beatles John Lennon foi o líder da banda, o mais ligado às teorias de Marx, e seguiria ainda com mais firmeza a linha marxista após a separação do grupo. Sempre se apresentou como o beatle mais intelectualizado e disposto a falar sobre política e comportamento. Em 1963, quando os Beatles se apresentaram diante da Rainha da Inglaterra, no *Royal Variety Show*, o cantor pediu: “O pessoal da geral pode bater palmas. O resto, por favor, chacoalhe as joias” (SARMENTO, 2006, p. 60). Quando a beatlemania se espalhou pelo mundo, em 1965, Lennon suscitou iconoclasticamente uma “guerra santa” ao afirmar:

O cristianismo vai acabar. Vai se dissipar, depois sucumbir. Nem preciso discutir isso. Estou certo e o tempo vai provar. Hoje somos mais populares do que Jesus Cristo. Não sei o que vem primeiro, o *rock'n'roll* ou o cristianismo. Jesus era legal, mas seus discípulos eram estúpidos e ordinários (MERHEB, 2012, p. 71).

Desde o início dos Beatles Lennon foi considerado um rebelde ou um artista de vanguarda, mas em 1968 sua vida mudou. A partir desse ano, o cantor passou a ser considerado, além de músico e intelectual, porta-voz de sua geração, imagem que ficou para a posteridade.

John foi morar com Yoko em um apartamento no centro de Londres e foi lá, após uma batida policial, que Lennon foi conduzido a um distrito e multado em 150 libras por porte ilegal de 30 gramas de haxixe. A apreensão policial aconteceu um mês antes do lançamento do primeiro álbum de John Lennon e Yoko Ono cuja capa causou alvoroço com o casal em nu frontal (na contracapa eles aparecem nus de costas).

No mesmo ano, o casal promoveu também protestos contra a pena de morte na Inglaterra e financiava os anúncios nos jornais apoiando a estação de rádio independente *Peace Ship* que pedia o fim dos conflitos no Oriente Médio.

John Lennon e Yoko Ono passaram a ser fartamente retratados pela imprensa, pois pelo padrão da época constituíam um casal exótico: os dois eram divorciados com filhos de seus primeiros casamentos; ele, inglês, famoso e milionário; ela, japonesa, artista de vanguarda e mais velha que ele. Além de eles próprios terem gerado muita polêmica incrementada por uma erotização quase explícita em sua arte. Até o casamento do casal, em 1969, transformou-se num evento publicitário a favor da paz e contrário à Guerra do Vietnã.

Além disso, John Lennon travou batalha jurídica com o Departamento de Imigração norte-americano, desde 1971 quando se mudou para Nova York, e radicalizou seu discurso e sua luta pela paz. Ao mudar-se para Nova York com Yoko, o beatle tornou-se próximo de grupos como os Panteras Negras. Lennon, por exemplo, levou Bobby Seale, um

integrante dos PN, a um "talk show" na TV americana e fez campanha pela libertação de John Sinclair, poeta e ativista que havia sido condenado a dez anos de prisão por ter dado dois baseados a uma policial disfarçada⁸. Tornou-se amigo de ativistas de esquerda como Jerry Rubin e Abbie Hoffman. É nesse período em que escreveu as músicas *Working Class Hero* (Herói da classe trabalhadora, 1970); *Imagine* (1971); *Power to the People* (Poder para o Povo, 1971); *Sunday Bloody Sunday* (Domingo Sangrento, 1972); *Only People* (Somente o Povo, 1973); *Woman is the nigger of the World* (A Mulher é o Negro do Mundo, 1973), entre outras.

A ascensão da contracultura na década de 1960 alarmou membros do governo, autoridades religiosas, líderes executivos e outros defensores do sistema. Alguns chegaram a afirmar que os Beatles estavam envolvidos em uma trama socialista de larga escala para fazer lavagem cerebral nos jovens, incitar a revolução das massas e derrubar a civilização ocidental (BAUER, 2007, p.106). O FBI mantinha arquivos sobre John Lennon e tentou deportá-lo, mas em 1972 ele conseguiu o visto de permanência. O seu nome constava na lista das pessoas investigadas pelo FBI, fato só admitido após a sua morte.

INFLUÊNCIA MARXISTA NAS MÚSICAS *REVOLUTION*, *WORKING CLASS HERO* E *POWER TO THE PEOPLE*

A década de 60 foi um período de rupturas, de contestação e mudanças generalizadas na realidade existencial humana. Os movimentos juvenis geralmente se iniciavam como uma contestação da cultura, chegando até nas universidades. Em Berkeley (Estados Unidos), os estudantes denunciavam que criticavam até a ciência estava a serviço do poder. Na Polônia, desejavam a livre-expressão. No Japão, a aliança militar com os Estados Unidos era criticada. Na Alemanha, o alvo era a Guerra do Vietnã, no Brasil a luta era contra a Ditadura Militar. Mas a questão deixava de ser cultural e se torna política quando os estudantes realizavam passeatas e se confrontavam com a polícia. A partir daí, o alvo dos protestos se centrava no autoritarismo, na violência da polícia e na repressão.

John Lennon aceitava o diagnóstico de Marx de que as massas imersas em uma ideologia capitalista desde o nascimento viviam em um estado de falsa consciência e precisavam conceituar uma sociedade menos individualista e mais igualitária. Por isso, quando Lennon cantou "todos nós queremos mudar sua mentalidade"⁹, assim como Marx, tentava promover um novo tipo de consciência que priorizasse o bem-estar comum acima do sucesso individual.

A indústria da música pode promover ideias e crenças que apoiam uma determinada ideologia política, ou seja, produz ideologia. Segundo Marx cultura intelectual da sociedade é controlada por elites socioeconômicas e serve para reforçar a hierarquia socioeconômica estabelecida:

As ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes: ou seja, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força intelectual dominante. A classe que tem os meios de produção material, por conseguinte, também controla a produção intelectual, de modo que as ideias daqueles que não têm os meios de produção mental estão, de modo geral, sujeitas à classe dominante (MARX, 2005, p.78)

Marx defendia a necessidade da revolução violenta para uma real mudança histórica e para um progresso social. A mera mudança de mentalidade não é suficiente, mas apenas é o primeiro passo. A luta de Lennon com a teoria de Marx quanto à

necessidade de uma revolução violenta é evidente na gravação de *Revolution* (Revolução, 1968). O ano de seu lançamento foi marcado por muitos acontecimentos e protestos ao redor do mundo e gerou uma onda de transformações políticas, éticas, sexuais e comportamentais, que afetaram todas as gerações seguintes.

Nos dias que precederam a gravação, a imprensa só falava em revoltas de estudantes e nas greves de Paris. Bob Spitz (2007, p.768) garante que os eventos de Paris não saíam da cabeça de Lennon quando entrou no estúdio para gravar *Revolution*. John não acreditava que a violência estudantil levasse a alguma coisa, pois sua visão de mundo era utópica; desconfiava das derrubadas de governos e queria revitalizá-los, mudar a sociedade pacificamente. O melhor caminho para isso acontecer, segundo Lennon, era o diálogo, a comunicação, a fé nas pessoas.

Revolution foi a primeira de uma série de canções em que Lennon trouxe o tema da política para o centro de sua produção. Os Beatles lançaram três versões da canção *Revolution*: o single *Revolution*, lançado como o lado B de *Hey Jude* (agosto de 1968); *Revolution #1* e *Revolution #9*, ambas lançadas no álbum *The Beatles*.

Na versão single, John Lennon descarta a violência como uma solução para a injustiça social (“quando você fala em revolução, saiba que pode me excluir”¹⁰). Marcelo Ridenti (2008, p. 136) afirma que os Beatles tiveram de se explicar para a esquerda que viu na canção *Revolution* um retrocesso político, quando o mundo estava em ebulição. Movimentos de protesto e mobilização política pulularam naquele ano, que ficou marcado pelas manifestações nos Estados Unidos contra a Guerra do Vietnã; pela Primavera de Praga; pelo maio libertário dos estudantes e trabalhadores franceses; pelo massacre de estudantes no México; pela alternativa pacifista dos *hippies*; pela contracultura; e pelos grupos de luta armada espalhados mundo afora.

No entanto, em *Revolution #1* Lennon acrescentou a palavra “incluir”, como se reconhecesse que a luta violenta pudesse de fato ser necessária para trazer o progresso que Marx defendia. Já em *Revolution #9* apresentou uma composição sonora vanguardista com um perturbador e caótico arranjo de sons e ruídos que sugerem violência e imprevisibilidade de uma revolução social inspirada no clima vigente (BAUR, 2007, p.110). A gravação desta versão assume evidente posição anticomercial prevalecente entre os artistas com tendências esquerdistas da época.

Sarmiento (2006, p. 114) situou Lennon no campo político do período: “Essa música [...] fala da contracultura dividida: havia aqueles que partiam para a luta armada, matando e/ou machucando pessoas para abolir o establishment e aqueles que se colocavam ao lado dos movimentos pacifistas”. A pesquisadora pareceu concordar com o posicionamento adotado ao deslegitimar implicitamente a opção pela luta armada, que foi uma realidade histórica da época.

Os Beatles enfrentaram as mudanças sociais e culturais do mundo sem medo de desagradar reacionários ou revolucionários. O argumento de John Lennon, porta-voz político do grupo, era o seguinte: todos falam em destruir o sistema, mas acabam colocando um monstro pior em seu lugar. Em *Revolution* John Lennon expressou a sua visão política explicitamente:

Estou fora se for pela violência. Não me esperem nas barricadas, a menos que seja com flores. Não que diz respeito a derrubar alguma coisa em nome do marxismo ou do cristianismo, quero saber o que vocês vão fazer depois que a derrubarem. Quer dizer, não podemos usar parte dela? Qual o sentido de detonar Wall Street? Se vocês querem mudar o sistema, mudem o sistema. Não faz sentido matar as pessoas. (GENESIS PUBLICATIONS, 2001, p.299).

Composição especialmente importante na trajetória política de Lennon é *Power to the People* (Poder para o povo), de 1971, quando é irrompido o espírito revolucionário. A música critica as condições de trabalho e preconiza a derrubada dos seus exploradores em favor do poder para o povo.

A canção mostra uma mudança significativa em relação à *Revolution*. Enquanto que em *Revolution* Lennon avisa aos revolucionários para não contarem com ele, inversamente em *Power to the People* canta: “Diga que queremos uma revolução / É melhor começar logo / Se prepare/ E vá para as ruas”¹¹. Havia uma convocação para “dar aos operários o que de fato lhes pertence”.

A adesão aos movimentos revolucionários é ratificada no verso: “Nós temos de derrubar vocês / Quando chegarmos à cidade”¹². No início da gravação, lançada como single, a frase *Power to the People* é cantada em coro, sendo acompanhada por um provável som de palmas, simulando um protesto de rua.

É interessante destacar que em *Power to the People*, em inglês no rodapé, há manifestação do discurso feminista, uma influência de Yoko Ono: “Vou te perguntar, camarada e irmão/ Como é que você trata a sua própria mulher em casa / Ela tem de ser ela mesma/ Para poder se entregar”¹³. A promoção do feminismo pode ser vista como mais uma autocrítica realizada pelo artista, em seu período de radicalização política.

A identificação com a classe trabalhadora e a difícil situação dos trabalhadores pode ser reconhecida na canção *Working Class Hero*, um comentário crítico a respeito da diferença de classes sociais. A música conta a história de alguém que cresce na classe trabalhadora e expressa como a mão-de-obra é formatada desde a pré-escola até a linha de produção.

Lennon inicia a canção, em inglês no rodapé, “Logo que você nasce, fazem você se sentir pequeno / Não lhe dando coisa alguma, nem sequer tempo / Até que a dor é tão grande que você não sente mais nada”¹⁴. Logo após segue o refrão lendário “Um herói da classe trabalhadora é algo para ser” e prossegue “Magoam você em casa e te batem na escola / Eles te odeiam se você é esperto, desprezam se é um idiota / Até que você esteja tão louco que não consiga seguir as regras deles”¹⁵. Com o violão sempre tenso Lennon prossegue ainda mais dolorido, despejando sua crítica agora ao sistema de ensino: “Após te torturarem e assustarem por vinte estranhos anos / Então esperam que você escolha uma carreira / Quando você não consegue mais funcionar, está tão cheio de medo”¹⁶. Mais à frente, o alvo se torna a mídia e a religião: “Mantendo você dopado com religião, sexo e TV / Você pensa que você é tão esperto, sem classe e livre / Mas você continua sendo apenas um plebeu fodido até onde consigo ver”¹⁷.

A crítica é feita até para os Beatles, representando a indústria musical: “Há um lugar ao sol, eles continuam a te dizer / Mas primeiro você precisa aprender como sorrir enquanto mata / Se você quer ser como o povo do topo do monte”¹⁸ (referência à *Fool on The Hill* dos Beatles). Após essa pesada frase, finalmente vem à catarse: “Se você quiser ser um herói, bem, apenas me siga”. John Lennon encerra convidando os ouvintes a apoiarem a sua luta.

CONCLUSÃO

Os Beatles não eram militantes políticos e a cultura hippie muitas vezes confundia a cabeça da *intelligentsia* do período, vacilando entre o radicalismo e a apatia política, mas eles foram sintonizados com o espírito rebelde de 1968 e simpáticos às causas progressistas e libertárias.

Apesar de todo o conteúdo crítico, esquerdista e subversivo de sua música, os próprios Beatles jamais adotaram a crença de Marx na necessidade de uma revolução violenta para provocar uma verdadeira mudança social, embora influenciados pela teoria marxista. O pacifismo da banda colidiu com o materialismo de Marx que tornava a revolução inevitável.

John Lennon, o beatle mais ligado às teorias marxistas, esteve longe dos ideais comunistas no sentido de que teve uma vida difícil e pobre, fez fortuna e propagou suas ideias por meio de um descomunal talento, esforço, dedicação e senso para o sucesso e foi assassinado por um lunático aficionado por sua personalidade inquieta. Ele foi um grande propagador da democracia, da paz e da ânsia por transformação. Em tempos de violência, como vivemos em nossos dias, é preciso dar uma chance à paz, como ecoa a voz de John Lennon.

REFERÊNCIAS

BAUR, Michael. Você diz que quer uma revolução: os Beatles e Marx. In: BAUR, Michel; BAUR, Steven; IRWING, William. **Os Beatles e a Filosofia**. São Paulo: Madras, 2007.

GENESIS PUBLICATIONS (org). **Beatles - Antologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: MartinClaret, 2005.

MERHEB, Rodrigo. **O som da revolução: uma história cultural do rock (1965 – 1969)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

SPITZ, Bob. **The Beatles, a Biografia**. Larousse, 2007.

RIDENTI, Marcelo. “1968: rebeliões e utopias”. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge & ZENHA, Celeste (orgs.). **O século XX. V. 3. O tempo das dúvidas: do declínio das utopias às globalizações**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SARMENTO, Luciana Villela de Moraes. **Ticket to ride. As tensões entre consumo e contracultura nas letras de música dos Beatles**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Notas

¹ Doutoranda em Educação Departamento de Psicologia Educacional, Faculdade de Educação, UNICAMP. roselicoutinho@hotmail.com

² Professor livre-docente do Departamento de Psicologia Educacional, Faculdade de Educação, UNICAMP. valerio@unicamp.br

³ O termo Beatlelogia tem sido utilizado desde que os Beatles se tornaram objeto de estudo na britânica Universidade Liverpool Hope. O curso de mestrado, "The Beatles - Música Popular e Sociedade", passou a existir em 2009 com a proposta de que os estudantes aprendam como o quarteto de Liverpool ajudou a redefinir a cultura e a sociedade. Na Faculdade de Educação da Unicamp há um grupo de pesquisadores de mestrado e doutorado que pesquisam a influência do grupo na sociedade e sua influência na educação.

⁴ Considerado o melhor disco pop do século XX, segundo o jornal O Estado de São Paulo. Disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso, revisao-critica-dos-beatles-a-onda,477769,0.htm>>. O álbum ficou conhecido como conceitual, isto é, as diversas músicas pareciam ligar-se pelo tema geral do disco *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*. A capa apresenta a heterogeneidade produzida pela sociedade moderna sintetizada no disco: artistas, políticos, religiosos e cientistas de diferentes épocas.

⁵ Os Beatles fizeram centenas de shows durante seis anos de turnês, a partir de 1964, com um equipamento miserável e com uma gritaria crescente. Eles desistiram de se apresentar ao vivo em 66, porque a música se tornara impossível de se reproduzir no palco e porque não suportavam a histeria e o ritmo massacrante das excursões: às vezes, chegavam a tocar duas ou três vezes por dia, sempre com o mesmo *set list* e sempre para uma multidão de moçoilas gritantes que nem prestava muita atenção ao que estava sendo tocado, mesmo porque, era impossível de se ouvir qualquer coisa.

Disponível em <<http://www.dammous.com/raquel/beatles/beatleshow.asp>>

⁶ *Beatles For Sale* foi lançado em 4 de Dezembro de 1964 e foi o quarto álbum da banda em menos de dois anos. Na capa, os Beatles pousam no Hyde Park (Londres) com rostos cansados. A foto foi feita por Robert Freeman, que já havia fotografado para a capa de *With the Beatles*. O título do disco é uma referência ao comércio que havia em cima da imagem da banda. Devido a inacreditável sequência de shows que passou por países como Austrália, Nova Zelândia, Dinamarca, Finlândia e Suécia, além de outra grande turnê pela América do Norte, com 31 apresentações em 32 dias, seria impossível atender à pressão imposta pela gravadora, que queria um novo disco para o Natal, sem recorrer a alguns covers que já faziam parte do repertório de seus shows. Isto desagradou a crítica, que esperava uma continuidade do disco *A Hard Day's Night*, que só continha composições Lennon/McCartney.

Disponível em <<http://beatlescollege.wordpress.com/2012/10/31/a-historia-por-tras-da-capa-de-beatles-for-sale/>>

⁷ BIGGEST All-Times Sales For A Band. **Guinness World Records, 2005**. Disponível em

<http://www.guinnessworldrecords.com/content_pages/record.asp?recordid=50910>

⁸ Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0204201015.htm>>

⁹ *We all want to change your head* (trecho original).

¹⁰ *When you talk about destruction, don't you know can count me out.*

¹¹ *Say we want a revolution*

we better get on right away

Well, you get on your feet

And on the street

¹² *We got to put you down*

When we come into down

¹³ *I'm gonna ask you, comrade and brother*

How do you treat your own woman back home

She got to be herself

So she can give herself

¹⁴*As soon as you're born they make you feel small*

By giving you no time instead of it all

Till the pain is so big you feel nothing at all

¹⁵*They hurt you at home and they hit you at school*

They hate you if you're clever and they despise a fool

Till you're so fucking crazy you can't follow their rules

¹⁶*When they've tortured and scared you for twenty odd years*

Then they expect you to pick a career

When you can't really function you're so full of fear

¹⁷*Keep you doped with religion and sex and TV*

And you think you're so clever and classless and free

But you're still fucking peasants as far as I can see

¹⁸*There's room at the top they are telling you still*

But first you must learn how to smile as you kill

If you want to be like the folks on the hill

Recebido: julho/14

Aprovado: agosto/14